

O infausto aniversário do NAFTA

Kevin P. Gallagher, Timothy Wise

Tanto para os Estados Unidos como para México o NAFTA não cumpriu as suas promessas econômicas. É tempo de renegociar-lo.

No México, cumprir quinze anos é um acontecimento especial, uma opulenta celebração que marca a passagem para a vida adulta – a quinceañera -, na qual não falta o baile e as tradicionais e piñatas (enfeites recheados de doces e brinquedos). No dia 1 de janeiro, o Tratado de Livre Comércio da América do Norte completa quinze anos, mas parece que ninguém no México vai dar alguma festa em comemoração do transcendental acordo comercial.

Tampouco é provável que as celebrações se façam escutar em Washington. O Presidente eleito Barack Obama arrasou nas eleições com base numa plataforma crítica ao NAFTA e a outros acordos comerciais similares, e contará com um Congresso que segue se distanciando desse tipo de políticas de livre comércio.

Obama também prometeu aguardar um tempo em matéria de acordos comerciais enquanto se leva a cabo uma análise minuciosa sobre a política comercial do Estados Unidos. Deverá cumprir essa promessa. E diferentemente da campanha, que se centrou exclusivamente na forma como estes acordos trouxeram benefícios limitados para o povo estadunidense, o debate também deveria incluir uma análise rigorosa sobre a experiência mexicana. O panorama não resulta ser muito feliz.

Muitos em Washington consideram praticamente assegurado que o grande ganhador do NAFTA foi o México. Depois de tudo, o governo mexicano obteve exatamente o que queria do acordo: as exportações para os Estados Unidos se setuplicaram, muitas delas no setor maufatureiro, e o investimento direto estrangeiro quadruplicou os níveis existentes antes do NAFTA. Com a queda da inflação e o aumento da produtividade, a economia mexicana estava pronta para decolar.

Isto não ocorreu. A economia teve um crescimento lento, a uma taxa anual de 1,6% per capita, um índice baixo segundo os parâmetros históricos. A economia cresceu anualmente 3,5% entre 1960 e 1979, no contexto das tão criticadas políticas de substituição de importações. E também resultou baixo para os padrões dos países em desenvolvimento. China, Índia e Brasil levaram vantagem sobre o México, aplicando um conjunto de políticas muitos menos ortodoxas que seriam ilegais para o México dentro do NAFTA.

Um crescimento lento implica em uma limitada criação de emprego, muito mais ainda quando as exportações estadunidenses deslocam os produtores nacionais “ineficientes”. As estimativas diferem, mas o México provavelmente gerou cerca de 600.000 novos postos de trabalho no setor manufatureiro desde a entrada em vigor do NAFTA, mas o

país perdeu ao menos dois milhões no setor agrícola, devido a que a importação barata de milho e outras commodities inundaram o agora liberalizado mercado.

Portanto, o México registrou uma perda líquida de empregos a partir do NAFTA e isto ocorre em um momento em que, como consequência do boom de natalidade no país, cerca de um milhão de pessoas se incorporam à força de trabalho a cada ano. Não é de se estranhar então que uns quinhentos mil mexicanos empreendam anualmente a cada vez mais arriscada e militarizada travessia ao território estadunidense, cifra que duplica o índice migratório prévio ao NAFTA, que – recordemos – prometia terminar com o problema migratório, permitindo ao México “exportar bens, não pessoas”.

Não surpreende assim que alguns mexicanos estejam reclamando ao seu próprio governo uma renegociação do NAFTA em seu décimo quinto aniversário. A brecha salarial com os Estados Unidos tem aumentado ao invés de diminuir, já que os salários dos Estados Unidos são seis vezes mais altos que os do México. Ao redor da metade da população não consegue emprego formal. Os índices de pobreza e de desigualdade registraram apenas um leve declínio, em parte porque as remessas de mexicanos que migraram aos Estados Unidos foram multiplicadas por seis desde que o NAFTA entrou em vigência.

Pode ser que os defensores do NAFTA estejam certos quando afirmam que o acordo foi um êxito para o México, se o êxito somente for considerado desde o ponto de vista do crescimento do comércio e dos investimentos. Ninguém pode negar que o México obteve acesso preferencial ao cobiçado mercado estadunidense e às enormes receitas de capitais provenientes dos Estados Unidos. Mas aqueles que se importam com o desenvolvimento econômico pedem mais, tal como foi prometido. Pedem que as políticas econômicas e comerciais beneficiem a população em seu conjunto. Neste aspecto o NAFTA falhou.

Isto possui importantes implicações para a política comercial estadunidense e para qualquer país em desenvolvimento que aspire a subscrever um acordo de livre comércio com os Estados Unidos. O NAFTA constituiu o padrão de referência para esse tipo de acordos. Se o México, com uma fronteira de 3.200 quilômetros com os Estados Unidos e uma sólida história de comércio bilateral e preferências comerciais que foram importantes durante o que resultou ser a mais prolongada expansão econômica da história do Estados Unidos, não prosperou a partir de seu acordo comercial, é também improvável que outros países em desenvolvimento o consigam.

O governo entrante de Obama deverá honrar as suas promessas de reconsiderar o NAFTA. De fato, deveria reconsiderar a política comercial dos Estados Unidos em seu conjunto. E avaliar não somente os seus impactos sobre os trabalhadores e os produtores agrícolas estadunidenses, mas também as suas repercussões em matéria de desenvolvimento no México.

Comecemos então do zero e elaborem acordos comerciais que sejam dignos de grandes celebrações em ambos os lados de nossas fronteiras.